

O SACRAMENTALISMO AFETIVO DE ANTONIO VIEIRA

ANTONIO ALCIR BERNÁRDEZ PÉCORÁ

Unicamp

Definido no âmbito das práticas litúrgicas, o conceito de "sacramento" é empregado pela oratória de Antonio Vieira destacadamente em relação ao Mistério Eucarístico: "o mistério da Eucaristia é o mais alto de todos os mistérios, como o sacramento do corpo e sangue de Cristo é o mais levantado de todos os sacramentos"¹. Mas esse emprego não é exclusivo: o Mistério Eucarístico é tomado, e a citação o mostra, como forma modelar de outras práticas instituídas da Igreja Católica, em que o sacerdote organiza a mediação entre o humano e o divino. A hierarquia eclesial e o poder de legislar do Papa são, apenas para exemplificar, duas outras formas básicas dessa mediação, com as quais o Mistério Eucarístico necessariamente compõe, concorda e, ao fazê-lo, torna-se síntese delas.

Particularmente, para a oratória de Antonio Vieira é sempre importante ressaltar o caráter **sacrificial** implicado no Sacramento eucarístico, aquilo que se poderia chamar, com os exegetas do texto bíblico, de "memorial de morte expiatória"². Neste tópico ainda, para Vieira, o Sacramento dilata o tempo da Paixão, o que significa dizer que Cristo, ao sacramentar-se, renova a **via crucis** da Paixão e Morte, renovando, simultaneamente, a sua entrega voluntária como objeto de martírio para reconciliação do mundo. O empenho vieiriano na aplicação das figuras de padecência e crucifixão ao Sacramento faz com que, por vezes, aparente cruzar as fronteiras da ortodoxia, que, como é sabido, considera o Cristo **impasível** na Eucaristia. Invariavelmente propenso a acentuar o **custo sensível** da presença divina, **doçura** e **dor** é o que Vieira reconhece na aparência neutra da hóstia.

Mas seria um equívoco, a meu ver, pretender levar adiante a discussão de uma possível heterodoxia a partir deste ponto: Vieira, aqui, como, de resto, em toda a sua obra, participa inteiramente da mentalidade barroca de seu século, em que, para dizer o mínimo, é a própria Sé, reorientada para a ação persuasiva extra-muros, que reforça a visibilidade, a

formulação sensível de seus dogmas. Mal comparando, pode-se dizer que a oratória de Antonio Vieira admite para si, sem resistência, aquilo que Victor Tapié, entre outros, viu como característico dos modelos espanhóis das imagens de santos que se espalharam por todos os países católicos após Trento, o que inclui obviamente a própria Roma. Ai, a representação da "beleza ideal" proposta na iconografia sacra era refeita em traços dramáticos, de modo que as tais imagens apresentassem não mais idealidade harmônica mas afetos vivos que não excluam os extremos de "piedade" e "sofrimento"³. Para lembrar um outro autor que tratou da questão, Michel Vovelle, observa ele que não se pode compreender a Igreja Triunfante sem a composição simultânea de uma Igreja ostensivamente "souffrante"⁴.

A propósito, eis um exemplo vieiriano bastante comum, tirado de um dos sermões em que celebrou o "Mandato": "O mistério sagrado da Eucaristia é Sacramento e é sacrifício: enquanto Sacramento do corpo de Cristo é presença, enquanto sacrifício do mesmo corpo é morte. Daqui se segue que tantas vezes morre Cristo naquele sacrifício quantas se faz presente naquele Sacramento. Ó excessiva fineza do amor! De sorte que cada presença que Cristo alcança pelo Sacramento lhe custa uma morte pelo sacrifício"⁵. E ainda: "instituiu um Sacramento que fosse juntamente morte contínua e presença contínua: morte contínua, para morrer, não só por um instante, mas por muito tempo; presença contínua, para se não ausentar, não por muito tempo, mas nem por um instante"⁶.

Se na Paixão há o sofrimento terrível da laceração do corpo, no Sacramento Eucarístico, para Antonio Vieira, tal sofrimento é amplificado, em vez de extinguir-se. Já não se trataria de ter o corpo ferido apenas, mas ferida a própria essência do Cristo, ao ser privado, ainda que voluntariamente, da forma mais natural de contato de sua humanidade hipostática com a do homem, que se daria necessariamente através do sensível. Este raciocínio, alimentado na base tomista que supõe a participação da matéria na essência dos seres, é levado ao limite pela *inventio* vieiriana: Cristo, ao perder a "vista" do homem, perde algo naturalmente exigido pelo movimento amoroso determinado pela sua natureza humana, além de divina.

Eis a que ponto Vieira vai, a fim de caracterizar a violência da perda sensível que custaria a Cristo sua presença sacramental: "Diz a Igreja, fundada na autoridade de S. Paulo, que o mistério do Sacramento do altar é uma recordação e uma recopilação da paixão de Cristo. Ora eu, quando me ponho a combinar a paixão de Cristo com o Sacramento, nenhuma semelhança lhe acho. Na paixão houve prisão, houve açoites, houve lança, houve fel e vinagre, e no Sacramento nada disto há"⁷. Até aí, o argumento se esconde na voz fingida do adversário. Mas em seguida vai-

se descobrindo -- o **artifício** barroco prevê justamente que a **razão oculta** das **correspondências** apenas se revele após a **ponderação das dificuldades**⁸ -- vai-se descobrindo, eu dizia, o móvel profundo que "combina" um e

outro **fato**: "Só um tormento houve na paixão além dos referidos, que se parece com o que se passa no Sacramento: porque na Paixão cobriram os olhos a Cristo, assim como no Sacramento está com os olhos cobertos: **Velaverunt eum**. -- Pois, se no Sacramento da Eucaristia não há mais que a semelhança de um só tormento da paixão, como se chama recopilação e representação de toda ela? Aí vereis quanto Cristo sente estar com os olhos cobertos, e privado da vista na presença dos homens, a quem tanto ama. Neste só tormento se recopilam todos os tormentos da paixão de Cristo. Em todos os membros de Cristo atormentado esteve a paixão por extenso; em só os olhos de Cristo cobertos esteve a mesma paixão recopilada. Por isso o Sacramento, não só em significação, senão em realidade, é uma recopilação abreviada, mas verdadeira, de toda a paixão de Cristo"⁹.

Quer dizer, Vieira não só aproxima fortemente a idéia neo-testamentária da "expição substitutiva" à da antiga linguagem "sacrificial" dos ritos hebraicos¹⁰, como ainda reveste esta ligação de um aspecto sensorio-antropomórfico que acaba por **dramatizar** inteiramente o impassível sacramental. No limite, a argumentação vieiriana propõe que essa impassibilidade não significa senão que houve uma antecipação de sua carga dolorosa no momento da instituição do Sacramento Eucarístico: "Concedo que Cristo no Sacramento está impassível, mas nego que essa impassibilidade lhe tirasse o sentimento de não ver aos homens. Assim como o amor de Cristo na privação da vista dos homens recopilou todos os sentimentos da sua paixão, assim na instituição do Sacramento recopilou todos os sentimentos desta privação da mesma vista. Mas como, ou quando? O quando foi quando consagrou o seu corpo, e o como, consagrando-o de tal maneira que estivesse nele como cego, e sem a vista dos olhos. Então padeceu recopiladamente passível o que depois não podia padecer impassível"¹¹. Ou seja, segundo Antonio Vieira, a própria impassibilidade prevista pela ortodoxia tem um papel no recrudescimento do custo doloroso e do valor sacrificial testemunhado pelo Sacramento. Há um efeito particular da dor da Paixão que se determina, desde o início, tendo em vista apenas e tão somente a instituição sacramental.

Parece claro, portanto, que a insistência vieiriana no tratamento afetivo da questão sacramental, o interesse de sua oratória em ressaltar o aspecto sacrificial doloroso na instituição do Sacramento responde a uma necessidade lógica do sistema em que opera: é ela que o leva a buscar, através dos labirintos conceituosos, a dor extrema da Paixão na placidez descansada, senão prosaica, da hóstia. E claro que esta necessidade é rela-

tiva à busca de um efeito de elocução, ou, dito de melhor modo, a um apelo patético de **longo** alcance -- para utilizar as medidas adequadas do **decoro** fornecidas pelo **ut pictura** horaciano --, potencialmente existente no caminho catártico da Paixão: efeito e apelo que o Padre Vieira não deixaria de fora da consagração Eucarística e de sua função purificadora e salvífica. Mas isso é só o começo: o gosto do estilo, no caso do Barroco ibérico, raro se determina sem que o Céu e seus comentaristas sejam chamados a opinar, sem que a Hermenêutica forneça os tópicos e argumentos de base da elocução retórica.

Neste sentido, se Vieira invariavelmente afirma que ao Sacramento nada falta das propriedades salvíficas implicadas na ação pessoal do Cristo, incluído aí necessariamente o coroamento delas no sacrifício tremendo da Cruz, está claro que, para o jesuíta, o verdadeiro coroamento não pode estar em qualquer outro lugar que não aquele que se cumpre na instituição do Sacramento Eucarístico -- ou, em termos mais gerais, na instituição do **modo sacramental** como mediação **histórica** privilegiada entre o humano e o divino. Nada que tenha valor na **economia da salvação** (e, nela, a visibilidade dramática e ritual do sacrifício é sua moeda mais antiga) está perdido nesta **instância sacramental** legada para prolongamento da remissão apenas iniciada com a **via crucis** do Verbo. Destacar-se o patético sacrificial, aqui, implica dar evidência ao lastro ontológico, ao efetivo **ser da presença** divina multiplicada -- de forma, ao mesmo tempo, sensível e oculta: **re-velada** --, nas espécies sacramentais operadas pela Liturgia.

Mas retornando à complexidade mais particular das questões, o sacrificial expiatório não é o único argumento desenvolvido por Vieira para ressaltar a dimensão afetiva do Sacramento, e com ela a existência real do Ser oculto em sua espécie. De fato, é justamente este caráter de **espécie**, de **matéria** em que a substância do Verbo necessariamente se manifesta enquanto Sacramento, que Vieira vai ressaltar em vários de seus sermões com o mesmo propósito de evidenciar a sensível presença de um Cristo realmente vivo na hóstia consagrada. Aqui, a gramática eloquente de Antonio Vieira concilia dois sentidos que guardam certa oposição nos textos recolhidos pela tradição exegética católica a respeito da Eucaristia: o de "memorial de morte expiatória", já exemplificado, e o de "glorificação da vida" do Cristo na prática Eucarística -- este último sentido compreendido sobretudo nos termos de um certo animismo celebratório que se poderia relacionar, talvez, com o estilo do relato joanino.

Em várias passagens dos **Sermões**, Vieira aproxima-se muito do "sacramentalismo maciço" que E. Schweizer propõe (e Alois Stoeger retoma) como característico do Evangelho de João, isto é, em que "o realismo da presença de Cristo" na Eucaristia é formulado "de forma até

mesmo 'escandalosa'"¹². A presença divina na Eucaristia, sob o "poder da consagração" do sacerdote e os cuidados do corpo eclesial, pulsa com tanta vida e efeito expiatório salvífico quanto a que se entrega, na Cruz, para redenção do gênero humano -- a ponto de que Vieira, por vezes, resalte o **orgânico** mesmo (e, por assim dizer, "animal") dessa presença em espécies. Aqui é a matéria mesma das espécies, e os atos materiais ensejados por ela, que são tomados como **análogos** demonstrativos do Deus que as habita.

Um sermão dedicado a Nossa Senhora do Rosário, pregado em 54 no Maranhão, pode dar uma idéia desse procedimento: "O estômago da alma é a memória -- porque assim como no estômago do corpo se recebe e retém o comer corporal, e ali se faz a primeira decoção, assim esta potência é a primeira que há de receber e recolher dentro em si o divino Sacramento, lembrando-se, **não** de passagem, senão muito devagar -- como se faz no corpo -- e representando à alma quem é que está presente naquele mistério, e os mistérios altíssimos que nele se encerram"¹³. Ou então a seguinte passagem: "Todas as vezes que chego ao Santíssimo Sacramento -- diz o devotíssimo Bernardo -- ali me mudo, ali me assemelho, ali me transformo. E por que modo mudava, por que modo se assemelhava, por que modo se transformava aquela alma pura? Por digestão, por concocção e por união; que são as três operações com que se aperfeiçoa a nutrição da alma, como a do corpo: por digestão: **digeror**; por concocção: **decoquor**; por união, **unior**"¹⁴. Ou ainda esta outra: "Quis-nos Deus ensinar e admoestar com esta cerimônia -- diz São Cipriano, e o mesmo diz São Gregório -- que todos aqueles que participam da ceia do Senhor, que é o Santíssimo Sacramento, hão de ser como os animais escolhidos para o sacrifício, e que assim como estes, depois de comer, tornam a remoer muito devagar o que comeram, assim nós, depois de comungar, havemos de meditar e considerar com muita atenção de quem é aquele corpo e sangue, e quais são os mistérios de nossa redenção, que com ele e por ele foram obrados. Assim o tinha profetizado, já no tempo dos mesmos sacrifícios, o profeta Oséias: **Super triticum et vinum rimumabunt**: Hão-se de por a ruminar sobre o pão, que é o corpo de Cristo consagrado debaixo de espécies de pão, e sobre o vinho, que é o Sangue do mesmo Cristo consagrado debaixo de espécies de vinho; e não só diz que hão de comer, senão que, sobre comido, o hão de ruminar: **super triticum et vinum ruminabunt**"¹⁵. Esta atenção exemplar ao orgânico, o que faz senão demonstrar o palpável e concreto em que se dá a **provar** a existência divina? A natureza aqui tratada, a que se inclina senão a publicar a experiência dada, sensível e vivida do sobrenatural que a anima?

Um outro exemplo, um pouco mais complicado, talvez, mas

ainda mais interessante do que os anteriores, de uma argumentação que que se beneficia da evidenciação quase chocante proporcionada pelo processo do "sacramentalismo maciço" pode ser apreciado naquele extraordinário sermão do Santíssimo, de 45. Falando, inicialmente, pelo "gentio" que, entre outros adversários da fé católica, duvida da efetiva presença divina na hóstia consagrada, o sermão considera a seguinte **dificuldade**: "Ao gentio também lhe parece impossível este mistério, e a maior dificuldade que se acha nele, são as mesmas palavras de Cristo: **Caro mea vere est cibus, et sanguis meus vere est potus**. Como é possível, diz o gentio, que seja Deus quem lhe diz que lhe comam a carne e lhe bebam o sangue? Quando Atreu deu a comer a Tiestes a carne de seu filho, diz a gentilidade, que fez tal horror este caso à mesma natureza, que o sol contra seu curso tornou atrás, por não contaminar a pureza de seus raios dando luz a tão abominável mesa. Como pode logo ser Deus quem diz que lhe comam a carne e lhe bebam o sangue? E como podem ser homens os que comem a carne e bebem o sangue a seu próprio Deus? Pareceu tão forçoso este argumento, e tão desumana esta ação a Averróis, comentador de Aristóteles, que só por não ser de uma lei em que era obrigado a comer seu Deus, não quis ser cristão, e se deixou morrer gentio"¹⁶.

Poder-se-ia esperar, a partir deste início demolidor, que a argumentação vieiriana trataria de explicitar os sentidos alegóricos morais, teleológicos ou anagógicos capazes de sublimar a formulação do "comer" e do "beber" a "carne" e o "sangue" do próprio Deus -- termos, aliás, completamente próprios da tópica sacramentalista (que, como se viu, tende a preferir o que se "come", "mastiga", rumina", o que é objeto de "digestão", "decoção" e "concoção", ao que simplesmente é "alimento" ou "corpo"). Como nas formulações joaninas, porém -- apenas que por razões de repúdio a heresias diversas --, Vieira, sem negar, claro, tais sentidos alegóricos, recusa-se decididamente a "espiritualizar" a letra divina, que nunca significa, para o homem, independentemente do meio sensível em que encontra expressão. É, inelutavelmente, na crueza mesma destes meios que ele procura demonstrar a ocorrência maravilhosa do sublime. E, neste mesmíssimo caso, é a Igreja institucional e visível da Contra-Reforma que se afirma aí, no cerne desta demonstração, tão comumente barroca, da **realidade não supérflua** do literal das Escrituras, como do acidental revelador da história.

Assim é que a resposta que Vieira formula para a dificuldade proposta busca ampliar para, digamos, **aquém** da proposição católica definitiva da Eucaristia, o sacramentalismo em que seria **natural** comunicar-se ao homem o que é da ordem do divino. Animismo e panteísmo pagãos vão ser tomados por ele como **tipo** ou **sinal** primitivo de uma atividade sacra-

mental que apenas a Igreja vai poder localizar e operar legitimamente na realidade transubstanciada do Mistério Eucarístico. Diz ele então: “tudo o que nós cremos neste mistério, creram eles primeiro nas suas fábulas. Se os gentios criam que no pão comiam um deus e no vinho bebiam outro, no pão a Ceres e no vinho a Baco, que dificuldade lhes fica para crerem que debaixo das espécies do pão comemos a carne, e debaixo das espécies do vinho bebemos o sangue do nosso Deus?” E depois: “se os gentios crêm que Dafne se converteu em louro, que Narciso se converteu em flor, que Niobe se converteu em mármore, Hipomenes em leão e Aretusa em fonte, que razão lhes fica para duvidar que o pão se converte em corpo e o vinho em sangue de Cristo? Se os gentios criam que no corpo de Gerião havia três corpos, que razão têm para duvidar que a quantidade do corpo de Cristo, e a quantidade do pão, sendo duas, ocupem um só lugar na mesma hóstia? Se os gentios criam que a espada de Aquiles feriu a Telefo, quando inimigo, e que a mesma espada o sarou depois quando reconciliado, que razão têm para duvidar que o mesmo corpo de Cristo é morte para os obstinados e vida para os arrependidos? Se os gentios criam que Hecate estava juntamente no céu, na terra e no inferno: no céu com o nome de Lua, na terra com o nome de Diana, no inferno com o nome de Proserpina, que razão têm para duvidar que o mesmo Cristo está no céu e na terra, e em diversos lugares dela juntamente? Se os gentios criam que Júpiter desceu à terra em chuva de ouro, para render e obrigar a Danae, e em figura de águia para levar ao céu a Ganimedes, que razão lhes fica para duvidar que desça Deus à terra em outros dois disfarces para render e se unir com os homens nesta vida, e para os levar ao céu na outra? Finalmente se os gentios crêm que Glauco, mastigando uma erva, mudou a natureza e se converteu em Deus do mar, que dificuldade têm para crer que por meio daquele manjar soberano mudem os cristãos a natureza, e de humanos fiquem divinos? ”¹⁷. Quer dizer, a riquíssima mitologia pagã da **metamorfose** vai tornar-se, ela própria, figura que deságua com mansidão no maciço sacramental. A vivacidade e o vigor, por assim dizer fisiológicos, típicos dos relatos míticos, são, para Vieira, parte da linguagem que comunica ao homem a animação transcendente própria das espécies consagradas na Eucaristia.

Em resumo, o que me parece legítimo afirmar aqui é que a oratória de Vieira procura rojetar sobre a questão sacramental todos os tópicos fundamentais da via salvífica, e, em especial, aqueles que tendem a produzir uma **evidenciação ostensiva da presença** divina oculta nas espécies eucarísticas apresentadas aos fiéis no seio da Liturgia. Nos aspectos aqui examinados, tal **evidentia** realiza-se na forma de uma dramatização de forte acento afetivo em que se somam recorrentemente o **pathos** da Pai-

xão, Crucifixão e Morte do Cristo e o **animismo** das espécies materiais e visíveis em que se assinala uma presença que **está inteiramente** nelas ao mesmo tempo em que as ultrapassa. Um e outro são apelos persuasivos fundamentais: através deles, a oratória vieiriana logra diminuir ao máximo a distância entre o organismo eclesiástico, seu aparato e **status**, e o Ser que lhe dá princípio e substância, projeto sintetizado exatamente a partir do 'poder de consagração'¹⁸ do sacerdote. Ou seja: presentificar na cena ostensiva da Instituição e suas práticas o divino que se oculta nelas, eis o que sobretudo obriga à adoção do gênero dramático-afetivo na prédica contra-reformista do Sacramento. O passional e animista que o efetuam são provas técnicas competentes de um discurso que, por onde quer que seja considerado, anuncia o século da Igreja Militante: são atos encadeados de um **Teatro do Sacramento** que se monta espetacularmente como desempenho da mediação **hipervisível** promovida pela Igreja no comércio Deus-homem. Em conseqüência, já se vê, é teatro que se arma como artística máquina de combate à invisibilidade sem tradição da **congregatio fidelium** dos reformados.

NOTAS

1. Faço todas as citações dos **Sermões** do Padre Antonio Vieira a partir da edição paulista, em 24 volumes, da Edameris (57-59), preparada por Frederico Pessoa de Barros, Antonio Charbel e A. Della Nina. O presente trecho extraiu-se do sermão do "Santíssimo Sacramento", de 45, volume I, p. 134 desta edição.
2. Entre os sentidos cristãos básicos associados à Eucaristia (refeição de despedida, presença de Cristo, renovação da aliança, ordem, entrega do poder) consta obviamente o de "memorial de morte", e de "martírio", de alto "valor expiatório". Para essas significações básicas, consulte-se, por exemplo, o verbete "Eucaristia" do **Dicionário de Teologia Bíblica**, de Bauer, Johannes B. (S.P., Edições Loyola, 1984 - 3ª edição - vol.I, p.397).
3. Tapié, V.L., **Le Baroque**, Paris, P.U.F., 1961. Ver sobretudo o Capítulo Terceiro da Primeira Parte, relativo à entrada do Barroco nas sociedades da Europa Moderna.
4. Vovelle, M., **Piété Baroque et déchristianisation**, Paris, Plon, 1973. Ver sobretudo o cap. **Intercesseurs célestes**, p.147ss.
5. Volume XVI da edição citada dos **Sermões**, p.195.
6. Idem, p.196.
7. Sermão do "Mandato" do ano de 50, volume XVI, p.202.

8. Ver, por exemplo, a **Agudeza y Arte de Ingenio**, de Baltasar Gracián (in **Obras Completas**, Madrid, Aguillar, 1960); os **Discursos XLIV** e **LIV** tratam diretamente da questão da **suspensión** do auditório.
9. Sermão do “Mandato”, 50, XVI, p. 202-203.
10. Isto é, a redenção feliz do homem corresponde dramaticamente à **entrega** do corpo divino e ao **derramamento** do seu sangue. Ver novamente Stoeger, **op. cit.**
11. Sermão do “Mandato”, 50, XVI p.205-206.
12. Ver Bauer, Johannes B., **op. cit.**, p.402.
13. IX, p.304.
14. Idem, p.313.
15. Idem, p.316.
16. I, P.145-146.
17. Idem, p.149-150.
18. A respeito dessa noção, verificar, por exemplo, o que o Padre Vieira argumenta no Sermão de S. Pedro, de 44 (volume XVI, p.61).